



**O DIÁLOGO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: contribuições de Sócrates e
Martin Buber**

**DIALOGUE AS A PEDAGOGICAL PRACTICE: Socrates and Martin Buber's
contributions**

**EL DIÁLOGO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: aportaciones de Sócrates y
Martin Buber**

Manoel Messias de Oliveira¹ – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5210-4691>

Armindo Quillici Neto² – Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2553-4693>

RESUMO

Ao partir das filosofias de Sócrates e de Martin Buber, este artigo procura avaliar o princípio do diálogo como possível instrumento pedagógico para os desafios da educação contemporânea. Para fundamentar nossa reflexão, investigamos o legado socrático, perscrutando suas possíveis influências no existencialismo contemporâneo, principalmente no pensamento Buberiano. E, ainda, verificamos as contribuições do diálogo para o processo de ensino-aprendizagem de nosso século; explicitamos fatores que contribuem, dificultam e/ou inviabilizam a vivência do autêntico diálogo; além de discorrer sobre possíveis implicações da pedagogia do diálogo nas relações interpessoais e no processo cognitivo. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de textos filosóficos. O resultado esperado é que possamos contribuir com educadores/as que almejam fomentar uma educação humanizada e humanizante. Concluímos que as teorias de Sócrates e de Buber beneficiam a vivência de relações inter-humanas, nas quais o diálogo e o dialógico possam ser efetivamente vividos. Sendo assim, inferimos que o diálogo, enquanto instrumento pedagógico, favorece o autoconhecimento, o mútuo (re)conhecimento, a acolhida, a aceitação e o respeito entre os dialogantes, o que favorece o processo de ensinar e o de aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo; Dialógico; Educação; Humanização.

ABSTRACT

Following the philosophies of Socrates and Martin Buber, this paper seeks to evaluate the principle of dialogue as a possible pedagogical practice for the challenges of contemporary education. To substantiate our reflection, we investigate the Socratic legacy, prescribing its potential influences on Contemporary Existentialism, especially

¹ Professor da Universidade Federal de Catalão. E-mail: messiasfilo@yahoo.com.br

² Professor da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: armindo@ufu.br

Buberian thought. However, we verify the contributions of dialogue to the teaching-learning process of our century; we explain factors that contribute, hinder, and make impossible the experience of authentic dialogue; We will discuss possible implications of the pedagogy of dialogue in interpersonal relationships and the cognitive process. The methodology used was the bibliographic review of philosophical texts. The expected result is that we can contribute to educators who aim to foster a humanized and humanizing education. We conclude that the theories of Socrates and Buber benefit the experience of inter-human relations, in which dialogue and dialogical can be effectively lived. Thus, we infer that as a pedagogical practice, dialogue favors self-knowledge, mutual recognition, acceptance, acceptance, and respect among the people in dialogue, which tends to the teaching and learning process.

KEYWORDS: Dialogue; Dialogical; Education; Humanization.

RESUMEN

Partiendo de las filosofías de Sócrates y Martin Buber este artículo busca evaluar el principio el diálogo como posible herramienta pedagógica para los desafíos de la educación contemporánea. Para apoyar nuestra reflexión, investigamos el legado socrático, averiguando sus posibles influencias en el existencialismo contemporáneo, especialmente en el pensamiento de Buber. Y aún, verificamos las contribuciones del diálogo al proceso de enseñanza-aprendizaje de nuestro siglo; explicamos factores que contribuyen, dificultan y/o tornan impracticable la experiencia del diálogo auténtico; discutimos posibles implicaciones de la pedagogía del diálogo en las relaciones interpersonales y en el proceso cognitivo. La metodología utilizada fue la revisión bibliográfica de textos filosóficos. El resultado esperado es que podamos contribuir con los educadores que pretende promover una educación humanizada y humanizadora. Concluimos que las teorías de Sócrates y de Buber benefician la experiencia de las relaciones interhumanas, en las cuales el diálogo y dialógico pueden ser efectivamente vividos. Así inferimos que el diálogo, como instrumento pedagógico, favorece el autoconocimiento, el (re)conocimiento mutuo, la aceptación y el respeto entre los dialogados, lo que favorece el proceso de enseñanza y aprendizaje.

PALABRAS CLAVE: Diálogo; Dialógico; Educación; Humanización.

Data de submissão: 29/05/2023

Data de aceite: 08/06/2023

Introdução

A partir das filosofias existencialistas, depreendemos que o diálogo é um elemento primordial na edificação de ambientes educacionais humanizados e humanizantes. E, ainda, a ausência de diálogo, ou diálogos fakes, são vetores de despersonalização e de aviltamento das pessoas envolvidas direta ou indiretamente. Ora, esta constatação motivou a retomada de elementos já cristalizados e o aprofundamento da investigação a respeito do diálogo como instrumento pedagógico. Para fundamentar

nossa reflexão, recorreremos ao legado de Sócrates, registrado por seus contemporâneos, especialmente por Platão (428/427-348/347 a.C.) e ao de Martin Buber (1878-1965), um representante do Existencialismo contemporâneo.

O Existencialismo, na versão contemporânea, surgiu e se desenvolveu ao longo do século XX. O termo é complexo, abarca pensadores autodenominados ateus e teístas, entre os primeiros, podemos citar Nietzsche e Sartre, entre os outros, Buber, Marcel e Mounier. Suas teorias possuem tópicos confluentes, tais como, o valor da

pessoa humana, a relevância capital do diálogo, da alteridade, da responsabilidade, da liberdade e do engajamento, [...]. Entretanto, também possuem elementos diferentes e/ou mesmo conflitantes, como a possibilidade ou não do autêntico encontro entre as pessoas, explicitados nas teorias de Jean-Paul Sartre e nas de Gabriel Marcel.

Um esclarecimento se faz necessário, se o existencialismo surgiu na primeira metade do século XX, como inclui o pensamento socrático? A resposta se encontra em Mounier (1963), ao alegar que as raízes do existencialismo remontam à Grécia Clássica, especialmente ao pensamento socrático. Este tema é retomado na obra *'Introduction aux existentialismes'*, quando apresenta um desenho, mesmo que estilizado, do que seria a árvore genealógica do existencialismo. Esta árvore tem cinco raízes, a primeira delas representa Sócrates, a segunda está em branco, a terceira refere-se aos estoicos, a quarta a Santo Agostinho e, por fim, a quinta raiz menciona São Bernardo (MOUNIER, 2010).

A figura de Sócrates também é acentuada em Gabriel Marcel e em Martin Buber, denominados existencialistas por leitores e pesquisadores, embora eles não se sentissem confortáveis com esse título. Marcel não queria ser rotulado, enquadrado em nenhuma corrente filosófica, porém, segundo Zilles (1995), ele teria dito que se fosse inevitável aceitar um rótulo, que fosse "neo-socrático" ou "socrático-cristão". Por sua vez, Buber, que também não desejava ser considerado existencialista, conforme Von Zuben (2006), não se importava em ser comparado a Sócrates, especialmente por adotar a prática socrática de auxiliar as pessoas no parto das ideias valendo-se do diálogo.

Diante do exposto, propomo-nos a refletir sobre as contribuições de Sócrates e as de Buber com o fim de averiguar se, e, em caso afirmativo, como o diálogo favorece o processo de ensino-aprendizagem nos dias atuais. De modo

especial, intencionamos identificar os fatores que favorecem e os que dificultam ou inviabilizam o diálogo e, conseqüentemente, influem positiva ou negativamente nas relações interpessoais e no processo cognitivo.

O tema é relevante para os dias atuais, especialmente em contexto da pós-pandemia de SARS-CoV-2, conhecida como Covid-19. O testemunho de discentes e de gestores de escolas públicas e privadas, corrobora com a teoria, segundo a qual, no retorno às aulas e às atividades presenciais, constatou-se um aumento significativo de conflitos motivados pela dificuldade de conviver, de dialogar e de se relacionar no ambiente escolar, especialmente com quem tem pensamento divergente.

A princípio, discutiremos sobre Sócrates, o primeiro precursor do existencialismo contemporâneo a enfatizar o diálogo como instrumento pedagógico, as conseqüências de sua prática efetiva, tais como, a valoração da pessoa humana, a importância capital das relações interpessoais, o engajamento e o compromisso com a educação. Posteriormente, apresentaremos alguns pontos da teoria de Buber, particularmente relacionados à questão do diálogo, a fim de esclarecer seu conceito para os dias atuais, os pontos que fortalecem e os que enfraquecem esta prática tão importante para quem ensina e/ou aprende. De modo especial, em um contexto no qual a intolerância, o preconceito, as Fake News, a discriminação e a indiferença ganham espaço e força, nas redes sociais e, infelizmente, nos ambientes escolares.

Esperamos contribuir para se pensar ambientes educacionais marcados pelos princípios existencialistas, nos quais o diálogo seja viável e o mútuo respeito não seja mera abstração. Indicaremos categorias passíveis de serem vivenciadas por quem deseja abraçar a tarefa de ensinar-aprender visando à autonomia e à emancipação.

Sócrates e as raízes do existencialismo: o diálogo como instrumento pedagógico e suas consequências

Os filósofos existencialistas, ao explicitarem suas teorias, revelam confluências e divergências. Em comum, no dizer de Sartre (1987), o princípio segundo o qual a existência precede a essência. Dentre os pensamentos díspares, podemos mencionar o próprio Sócrates. A figura do pensador grego na perspectiva nietzschiana, por exemplo, é negativa, pois teria alijado o homem ao matar Dionísio e ao hipertrofiar Apolo. Assim, ao tentar curar o homem, enfraqueceu-o e tornou-o doente. Por sua vez, na perspectiva de Mounier, Sócrates seria o primeiro a desenvolver princípios basilares do pensamento existencialista, como o diálogo e o valor da pessoa humana.

Quem afinal foi Sócrates? Esta pergunta comporta diversas e, por vezes, diferentes respostas. Discípulos colocam-no como “o filósofo”, comentadores oscilam entre divinização e demonização, e opositores condenam-no. Não se tem a intenção de entrar nas nuances a respeito da veracidade ou não de tudo o que lhe é atribuído, ou mesmo de sua existência real. O que nos interessa, no momento, é refletir sobre os motivos de ele ser considerado precursor do existencialismo contemporâneo e sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente o método de ensino pautado no diálogo.

Sócrates nasceu em Atenas, na segunda metade do século V a.C. (em 470 ou 469), filho de uma parteira: Fenareta e de um escultor: Sofronisco. Ele casou-se com Xantipa, aos cinquenta e seis anos. Ao longo de sua vida, lutou por Atenas. Conheceu o apogeu e a queda em sua cidade natal, à qual devotou sua vida. Em 399 a.C., foi acusado de corromper a juventude e de trair os deuses protetores da cidade, por isso, foi julgado e condenado à morte por auto ingestão de cicuta. As mencionadas acusações foram rechaçadas por Platão

(1999), o qual alega que a verdadeira razão da acusação e da condenação era o fato de o mestre ousar ensinar as pessoas a pensarem com autonomia.

Navarro (1999, p. 13), ao recordar uma crença comum entre pensadores gregos, registra “Para alguns, como Cícero, ‘Sócrates teria feito a filosofia descer do céu à terra’, ao fazer gravitar sua especulação em torno do homem e de seus eternos problemas, [...]”. Ora, ao olhar para o concreto da vida humana, Sócrates edifica um dos pilares do existencialismo contemporâneo, a noção da filosofia encarnada ou concreta. Neste sentido, os existencialistas alegam que Sócrates coloca o homem como centro de suas inquietações e revela a necessidade do autoconhecimento. Neste contexto, vale recordar a célebre passagem escrita no templo de Apolo, na cidade de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”.

Os existencialistas comungam do pensamento socrático em relação à importância do autoconhecimento. A título de esclarecimento: o autoconhecimento, na perspectiva do existencialismo, só é possível mediante o olhar do outro, o que leva a inferir que sem a alteridade não é possível a ipseidade, portanto, sem o autêntico encontro entre dialogantes, sem verdadeiro diálogo, não é possível o existente tomar ciência de si e tampouco de seus pares.

Sócrates acreditava ter recebido a missão de ensinar, tarefa que lhe foi conferida por uma divindade que falava com ele no âmago de seu ser. Ao cumprir sua missão, Sócrates se dispunha a ensinar as pessoas a pensarem com autonomia, fossem elas novas ou idosas, escravas ou livres, e quiçá até mesmo as mulheres. A única exigência é que elas tivessem verdadeiro interesse em aprender, aceitassem o convite para o diálogo e se dedicassem com toda a força ao processo de conhecer, pois o acesso ou a produção do saber exige do aprendiz uma participação ativa.

Vale ressaltar que a proposta de ensinar toda e qualquer pessoa que desejasse aprender, incluindo escravos e mulheres, propiciaria uma revolução na sociedade e na economia ateniense, pois, em se admitindo que pudessem aprender, implicaria em repensar a estrutura social e a econômica da mencionada cidade.

A cidade de Atenas, na época de Sócrates, tinha algumas peculiaridades, por exemplo, a base da mão de obra era centrada na escravidão. Ora, o que justificava o direito de manter esse sistema era a crença, segundo a qual, a escravidão era natural, pois por natureza havia dois tipos de homens, os dignos deste nome, com capacidade de deliberar, de refletir e de governar, e os indignos de assim serem denominados, pois eram desprovidos do poder deliberativo, que deveriam ser comandados pelos homens livres. Nesse cenário, a mulher ateniense ocupava uma posição social intermediária, pensava mais do que os escravos, porém era inferior aos homens livres, não podia participar das discussões políticas, dos debates na ágora e, tampouco das discussões filosóficas. Sócrates, mesmo que indiretamente, questiona estes pontos específicos.

Voltemos ao objeto norteador de nossa reflexão, o diálogo. *Mênon*, *Banquete*, *Fédon*, *Teeteto* e os demais escritos de Platão, nos quais Sócrates é o ator principal, permitem inferir que o diálogo é método para levar o interlocutor ao conhecimento verdadeiro. O diálogo é a vereda necessária para se desvencilhar dos falsos saberes para poder acessar a verdade em condições reais de encontrá-la. O diálogo supõe encontros, interações autênticas entre pessoas, o que permite antever o valor da alteridade no processo cognitivo, fato a ser explorado pelos existencialistas contemporâneos.

O método socrático pressupõe que o diálogo se dá mediante um convite e um aceite para o colóquio, o que revela, direta ou indiretamente, o exercício da liberdade e o empenho pessoal. O engajamento é a

condição para o desenvolvimento do diálogo, os dialogantes não podem desistir, sob a pena de terminar em mera *aporia* sem que concretizem o processo cognitivo. Portanto, não basta a pessoa dizer que quer aprender, ou aceitar o convite, é preciso empenhar-se, comprometer-se, engajar-se, para atingir os fins almejados.

Aqui alguns pressupostos para a efetivação do autêntico diálogo, os dialogantes não podem ir ao encontro representando personagens fictícios, não devem se utilizar de máscaras que ocultem o seu autêntico ser, não podem ignorar o dialogante com o qual interagem, nem ouvir sem escutar, sob a pena de abdicarem da possibilidade do autoconhecimento, o que inviabilizaria atingir a *episteme*.

Ressalta-se que os pontos de convergência entre Sócrates e os pensadores existencialistas contemporâneos aqui mencionados não estão vinculados às teorias gerais, às concepções de mundo expressas em conclusões, pois, em alguns aspectos, estão em oposição. O que queremos realçar são as similaridades encontradas em categorias ou em princípios específicos, especialmente o diálogo, a recusa em manipular ou em alienar o interlocutor, e, como já mencionado, a liberdade, o engajamento e a alteridade.

Dentre os princípios de interlocução entre Sócrates e os existencialismos do século XX, merece destaque o método de ensino: diálogo. E ainda, o fato de não dar resposta pronta, mas motivar o interlocutor na busca da verdade; o filosofar a partir da vida e o engajamento. Em relação ao método, ou, se preferir à pedagogia socrática, ressaltamos a tarefa de auxiliar as pessoas no parto do conhecimento, sem preconceito ou discriminação.

Além do que já foi exposto a respeito deste tema, observam-se diversas passagens em *Teeteto* que fornecem elementos passíveis de comparação com as propostas de Buber, de Marcel e de Mounier. Dirigindo-se a *Teeteto*, Sócrates

diz: “O que faço é ajudar-te no trabalho do parto; daí, recorrer a encantamentos e oferecer ao teu paladar as opiniões dos sábios, até que, com o meu auxílio, venha à luz tua própria opinião.” (PLATÃO, 2001a, p. 157d). Sócrates faz esta afirmação logo após lembrar que era um parteiro estéril. Também é válido realçar que Teeteto, um jovem, diante de longo diálogo, parece começar a arrefecer, o que poderia levá-lo a desistir da confabulação com o parteiro. Atento aos sinais de desânimo de seu interlocutor, Sócrates diz-lhe: “Anima-te, pois; não desistas e declara com independência e decisão o que pensas a respeito do que te perguntei”. (PLATÃO, 2001a, p. 157d). Nos dias atuais, também é possível que docentes e discentes possam pensar em desistir, se isso ocorrer, quiçá possam encontrar apoio e incentivo das pessoas com quem compartilham a missão de ensinar e de aprender.

Ao se fazer um paralelo entre a figura de Sócrates e a de um educador, o pensador grego, a nosso ver, seria um modelo mesmo atualmente. Ele diz que não ensina, mas que convida ao diálogo, e, no desenrolar desta conversação, faz perguntas para depurar os falsos saberes do aprendiz, assim, ele destrói os preconceitos e leva o interlocutor à aporia e, desta forma, propicia o processo de parto. Nos dias atuais, diferentes propostas pedagógicas defendem o princípio, segundo o qual, não é o professor quem ensina, mas é o aluno quem aprende. Neste cenário, o papel do professor é mostrar o caminho e auxiliar na produção do conhecimento. Ao ensinar, ao repassar o saber que possui, o professor, se adotar os princípios socráticos, irá indicar horizontes, motivar o educando e, na medida do

possível, propiciar o desenvolvimento do senso crítico.

A metodologia socrática torna-se o grande elo entre o pensador grego e os existencialistas da primeira metade do século XX. O diálogo supõe encontro e interação entre pessoas, favorece as relações humanas. Neste sentido, podemos mencionar o diálogo entre Sócrates e Teodoro, quando o pensador grego diz: “Espero, Teodoro, que o meu amor às discussões não me torne importuno, pelo desejo de estabelecer entre nós um diálogo capaz de deixar-nos íntimos e apertar mais os laços de amizade” (PLATÃO, 2001a, p. 146a). Este princípio é corroborado por Xenofonte (2004), quando alega a crença socrática de que o diálogo propicia a amizade, o amor e a mútua estima, o que permite inferir que pode favorecer espaços de ensino-aprendizagem nos quais as pessoas desejem estar, o que favorece o processo cognitivo.

A tarefa de aprender é comparada a um parto, exige esforço, dedicação, engajamento, compromisso e parceria entre o parteiro e o parturiente. Diante da questão proposta por Sócrates, no início do diálogo, é válido perguntar o que é conhecimento? Teeteto diz que já fez várias tentativas, todavia ainda não chegou a um conceito satisfatório. Não teve resposta, mas não consegue deixar de buscar, neste contexto, o parteiro³ diz: “São dores de parto, meu caro Teeteto. Não estás vazio; algo em tua alma deseja vir à luz.” (PLATÃO, 2001a, p.148e). Parir o próprio saber implica em desenvolver o próprio conhecimento. Esta ainda é uma tarefa árdua em nossos dias.

Sócrates faz uma afirmação interessante, que permite inferir que a

³ Neste diálogo, Sócrates explica o seu ofício de parteiro. Ele diz que é filho de uma parteira e que exerce a mesma arte de sua mãe: auxiliar no parto (PLATÃO, 2001a, p. 149a); chama a atenção para o fato de ser estéril: as boas parteiras são as incapazes de procriar (PLATÃO, 2001a, p.149b), não as jovens estéreis, mas as que já passaram da idade de procriar (PLATÃO, 2001a, p.149c); as

parteiras sabem perceber uma verdadeira gravidez, distinguir a real da falsa gravidez. Convida Teeteto para continuar o debate: “Entrega-te, pois, a mim, como a filho de uma parteira que também é parteiro, e quando eu te formular alguma questão, procura responder a ela do melhor modo possível”. (PLATÃO, 2001a, p. 151c).

missão do educador não é dar respostas, mas fazer perguntas, não é apenas instruir, porém educar. Além de transmitir o conhecimento já adquirido, deve propiciar a autonomia de pensamento, ou seja, levar o educando a pensar a vida, a partir da vida. Em suas palavras, segundo Platão:

A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo não sou sábio, não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz. (PLATÃO, 2001a, p. 150c-d).

Sócrates afirma que seus “discípulos” nunca aprenderam nada com ele, mas, se chegaram a um conceito, eles deram à luz com o seu auxílio. Novamente, contempla, mesmo que indiretamente, o princípio de não doutrinar, ou seja, não inculcar nos educandos os valores concebidos pelos mestres. Estes devem ter suas convicções, podem se engajar em missões e causas que julgarem nobres,

contudo não devem repassar o conhecimento alienando ou aviltando os interlocutores. O diálogo é o caminho para a concepção e o parto. Se, em algum momento, o parturiente desfalecer, enfraquecer, o parteiro deverá dar-lhe força e incentivá-lo para que conclua a sua tarefa. Este fator também pode ser identificado em um educador, conforme a concepção existencialista.

Por fim, vale ressaltar que nos diálogos socráticos a liberdade do interlocutor é preservada. Pode-se até discutir o poder de persuasão de Sócrates e questionar se ele induz ou não o parturiente a determinada conclusão, no entanto fica evidente que não força o interlocutor a agir ou a refletir se este não estiver em sintonia com o procedimento. Nos diálogos com Lâmprocles e Querécrates⁴, fica evidente que Sócrates pode argumentar, tentar persuadir, mas o mais correto é tentar fazer com que o outro enxergue o que deseja mostrar, com o intuito de motivar a jornada de acesso ao conhecimento, ao pensamento autônomo, ao desenvolvimento do senso crítico, sem cair na tentação de doutrinar.

Os princípios legados por Sócrates, registrados por seus discípulos e/ou interlocutores aludidos no decorrer de nosso texto, foram retomados por diferentes pensadores existencialistas contemporâneos, dentre os quais Martin Buber, que é considerado um dos mais expressivos defensores do diálogo e do valor da pessoa humana.

O diálogo na perspectiva Buberiana

Martin Buber nasceu em Viena, no dia 8 de fevereiro de 1878, filho de Elise e Karl Buber, ambos adeptos do judaísmo. Faleceu em Jerusalém, em 13 de junho de 1965. Quando o pequeno Buber tinha apenas três anos foi abandonado por sua mãe. Seu pai, entregou o filho aos avós

⁴ Respectivamente o segundo e o terceiro capítulo do livro II, Xenofonte (2004, p. 129 – 137).

paternos, Adele e Salomão Buber. A convivência com seu avô, um judeu, escritor, respeitado pela comunidade local, quiçá por ser uma importante autoridade da Haskalah⁵. Este movimento judaico, sem descuidar dos valores tradicionais e históricos do judaísmo, buscava interagir com a sociedade dos países nos quais se encontrava, provavelmente influenciou Buber a valorizar o diálogo e o respeito.

Ao examinarmos as obras de Buber, *Eu e Tu* e *Do diálogo e do dialógico*, selecionamos apenas as categorias relacionadas ao diálogo e suas implicações, dentre as quais destacamos a Palavra-princípio Eu-Tu e a Palavra-princípio Eu-Isso por revelarem a relevância do mútuo reconhecimento entre os dialogantes. Identificamos e refletimos sobre alguns aspectos que, segundo Buber, facilitam ou que dificultam o diálogo, a relação intersubjetiva e a interação entre as pessoas.

A obra *Eu e Tu* apresenta a principal expressão do pensamento buberiano: a relação e o diálogo, o que é abonado no dizer de Von Zuben (2009, p. 7):

O cerne do pensamento de *Eu e Tu* (publicado em 1923) é a tão citada frase “Toda vida verdadeira é encontro”. Eu existo na medida em que digo Tu ao outro, aceitando-o irrestritamente em sua alteridade, com a totalidade do meu ser, e por ele sou assim aceito. O Eu sem o Tu é apenas uma abstração.

Segundo a ótica buberiana, é impossível existir um Eu autêntico, a autoconsciência, o conhecimento de seu próprio ser sem a presença de um Tu, pois a alteridade é condição imprescindível para que a pessoa possa perceber-se em sua

subjetividade. Neste cenário, é indispensável saber evocar as Palavras-Princípio Eu Tu e Eu Isso de modo apropriado, estas invocações indicam uma duplicidade de modos de agir e de ser do homem, o que possibilita uma duplicidade de mundo. As ações concretas geram um mundo humanizado ou desumanizado, um mundo no qual as pessoas se valorizam, acolhem-se ou excluem-se mutuamente. Esta dualidade é determinada pela possibilidade de evocar a palavra-princípio Eu-Tu e/ou a palavra-princípio Eu-Isso, que a rigor, não são pares de vocábulos excludentes, mas revelam a forma de ser no mundo. Diante do exposto, evidencia-se a necessidade de saber evocá-las no momento oportuno.

Vale destacar que cada par de vocábulo revela o ser que a profere. A palavra-princípio Eu-Tu exige a mútua presença, o face-a-face, a vivência do autêntico diálogo. Quem evoca este vocábulo, ao encontrar com quem faz a mesma evocação, vivencia a relação dialógica. Nesta dinâmica, os dialogantes se revelam mutuamente, retiram as possíveis máscaras, mostram-se, tal como de fato são, aceitam-se e respeitam as diferenças que certamente afloram. O Eu vê e é visto pelo Outro, na mútua presença, no encontro, na recíproca contemplação, sem preconceitos. Neste processo de entrega incondicional, nenhum dos dialogantes é objetivado. Não há tentativa de jogo de palavras, para ver quem vence o debate, há troca, partilha direta entre os modos de ser de cada pessoa: vivencia-se uma relação interpessoal. O outro não é inimigo, oponente, a ser vencido, é parceiro de caminhada.

A palavra-princípio Eu-Isso, em si mesma, não é boa ou má, é um modo de ser

⁵ HASKALAH, ou Haskalá, é um movimento que surgiu no interior do judaísmo, no século XVIII, influenciado pelos princípios Iluministas. Seus adeptos desejavam sair do gueto encontrar e melhorar a aceitação dos judeus pelos gentios, para este fim, era necessário encontrar caminhos de integração com a sociedade dos não judeus. Um

exemplo concreto deste anseio era incentivar a aprender a língua dos países nos quais se encontravam e melhorar a comunicação e o diálogo. De influência Iluminista, o Haskalá incentivava o estudo, buscando uma harmonia entre o espírito liberal (Iluminista) e a tradição judaica.

necessário e inevitável. Sem ela, não seria possível a comunicação mediante linguagem, conceitos, narrativas, descrição de fatos do passado, e, ainda, não se poderia falar a respeito de nenhuma pessoa ausente do encontro dialógico. Quando qualquer educador recorre a fontes históricas, aborda fatos já ocorridos, como, por exemplo, a Inconfidência Mineira, e transmite o conhecimento já estabelecido aos educandos, evoca a palavra-princípio Eu-Isso. Esse par de vocábulo será evocado sempre que se recordar o que já foi dito ou vivido. É uma evocação necessária, como já mencionamos, assim sendo, não é passível de condenação a *priori*. O mundo da palavra-princípio Eu-Isso torna-se mal quando nele se molda o jeito de viver como único, portanto, impedindo a pessoa de vislumbrar diferentes possibilidades.

A importância do mundo do Isso é inegável, ele permite às pessoas tomarem conhecimento das conquistas da ciência e do domínio das técnicas, acompanhar a sua evolução por meio da História. Além disto, perceber as diferenças de cultura, entre as diversas etnias, povos e nações, viabiliza ao cientista e às demais pessoas compreenderem como um objeto é ou como funciona. A relevância do par de vocábulo Eu-Isso é de tal monta que o próprio Buber diz não ser possível viver sem ele. Em suas palavras: “O homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive só com o Isso não é homem” (BUBER, 2006, p. 74).

Ao estudar o passado, a pessoa evoca a Palavra princípio Eu Isso, mas não pode abdicar de atualizar o conhecimento, evocando a Palavra princípio Eu Tu, sob a pena de desistir de encontrar novos caminhos passíveis de serem trilhados, de encontrar novas perspectivas e de encontrar novas pessoas com as quais poderá edificar um mundo no qual as relações humanas sejam predominantes.

Quem evoca a palavra princípio Eu Tu precisa vivenciar as duas categorias fundamentais para Buber, o diálogo e o encontro. O diálogo ocorre “entre”, as

pessoas que respondem ao chamado de outra (s) pessoa (s) para viverem a relação dialógica. Ele exige a mútua presença, reciprocidade, e, ainda, supõe decisão, liberdade, subjetividade, responsabilidade, palavra proferida e resposta à palavra, pois é uma atitude, ou se preferir, um evento inter-humano. Vale lembrar que, na perspectiva buberiana, o diálogo implica coragem para desvelar-se diante do dialogante, não permite máscaras, nem dissimulações.

O diálogo exige que as pessoas se vejam, daí a necessidade de saber ouvir, ver, comunicar; ele é via necessária para o encontro e o conhecimento que dele resulta. Ele é fundamental para o ente humano, pois a existência humana, segundo Von Zuben (2006), funda-se no diálogo.

O autêntico diálogo concretiza-se apenas quando verdadeiramente um parceiro volta-se para o outro, sem rodeios, sem constrangimento, sem medo de se mostrar, sem se preocupar com o que o outro vai pensar. Enfim, quando diz realmente o que pensa sobre o tema em discussão, ocorre quando os dialogantes experienciam o encontro verdadeiro: vivenciam a relação dialógica.

Isto posto, vale lembrar duas atitudes que, na perspectiva de Buber (2009), devem ser evitadas, pois podem prejudicar ou inviabilizar o diálogo, o encontro e, conseqüentemente, o evento da relação inter-humana: aparência e insuficiência da percepção. A aparência é uma atitude que impede o ser de revelar o seu verdadeiro Eu. Quem a adota prefere apresentar uma imagem, uma pseudo identidade, utilizar-se de máscaras para não ser visto. Já a pessoa que tem insuficiência da percepção, aqui compreendida em duas dimensões, indisposição ou incapacidade de ver o outro tal como ele é, não vê verdadeiramente a alteridade que a ela se revela, prefere vê-la do jeito que gostaria que ela fosse. Neste cenário, vale lembrar que quem desejar vivenciar o encontro verdadeiro não poderá anular o possível

parceiro, dobrando-se-em-si-mesmo, tampouco se auto alienar, pois o encontro, assim como o diálogo, exige parceria e pressupõe a existência de dois polos: Eu – Tu. Se um dos polos for subtraído, ou ignorado, o encontro é inviabilizado.

Ver o outro, encontrar-se com a alteridade, ter ciência de sua existência e na liberdade converter-se à pessoa que se faz presente diante dele, mesmo à distância, são atitudes, palavras-ações, tão relevantes ao ser humano, a ponto de Buber dizer que é preferível o ódio à indiferença. Esta recusa o existente, rejeita-o, transforma-o em nada. A indiferença é tão cruel que não permite ao ente, que assume esta atitude, nem mesmo converter o Tu em Isso, uma vez que é como se ele não existisse. Neste caso, a presença ou a conversão ao Tu é inviabilizada e a alienação é totalizante.

A relação dialogal supõe o autêntico encontro, que, por sua vez, concretiza-se na conversação genuína, e, ainda, supõe a liberdade, já que somente na liberdade é possível verdadeiramente aceitar ou recusar o diálogo, o encontro e a relação inter-humana. Quem é livre pode escolher proferir a palavra-princípio Eu-Tu, ou pronunciar a palavra-princípio Eu-Isso. Ora, ao proferir a palavra, de maneira autêntica, a pessoa se revela, explicita o ser que assume e vive. Entretanto, é possível atestar que a verdadeira liberdade se processa na relação Eu-Tu: liberdade de todos os que se dispõem ao encontro.

O homem livre não deve ficar preso a dogmas, ou ser escravo de valores herdados e considerados inquestionáveis e invioláveis. Quem vivencia a dimensão do encontro dialogal, pessoa-pessoa, é livre e respeita a liberdade. Quem pronuncia o Eu-Isso, a princípio se julga livre, mas não permite a liberdade alheia: Eu-objeto (Eu-coisa). Quem vive a experiência do Isso, é coisificado, não perde a possibilidade ou a capacidade de exercitar a liberdade, poderá converter-se, assim, pronunciar a palavra-princípio Eu-Tu.

Quem se perpetua no mundo do Isso, não vivencia a liberdade, exceto se mudar a atitude, a palavra que fundamenta sua existência, pois escravo que é, imagina não ser livre, renuncia ao direito e ao dever de edificar a si e ao mundo, porque se conforma com a realidade que lhe é apresentada e não acredita na possibilidade de transformá-la.

O diálogo supõe a liberdade, de quem convida e de quem responde, pois, segundo Buber (2009, p.71), “O diálogo não se impõe a ninguém. Responder não é um dever, mas um poder”. Neste sentido, é possível afirmar que é convite, chamado, que é livremente assumido por quem se dispõe a vivenciá-lo. Um procedimento que pode ser vivenciado por toda e qualquer pessoa, independentemente de sua ideologia, etnia, gênero ou qualquer outro elemento que, por vezes, leva à segregação e à exclusão. Nas palavras de Buber, “O dialógico não é, [...], um privilégio da atividade intelectual. [...]”, o diálogo está ao alcance de todos, pois nele “Não há [...] dotados e não-dotados, somente há aqueles que se dão e aqueles que se retraem.” (BUBER, 2009, p. 71). Portanto, o diálogo é plausível para ser vivenciado no ambiente escolar, basta que as pessoas queiram assumir esta atitude.

A pessoa que evoca o Tu, não deve manipulá-lo, enganá-lo, pois, se assim proceder, negará o autêntico diálogo, inviabilizará a relação genuína do inter-humano, enquanto assim proceder. O Tu não é teleguiado, não se deixa predeterminar por sistemas ou instituições, ele “se oferece ao encontro”, cabe a quem o convite foi dirigido dar sua resposta livre e consciente. Se o convite for aceito e a relação dialogal instaurada, estará aberto o reino da possibilidade.

Buber, ao refletir sobre a situação concreta de sua época, constatou a crise mundial, percebeu que pessoas e diferentes instituições proferiam palavras nas quais se explicitavam angústias, esperanças, expectativas distintas, nas esferas

econômicas, políticas, sociais e religiosas. Diante das palavras pronunciadas, era necessário dar respostas, pois os clamores ou os sussurros esperam por retorno. Na busca de respostas viáveis e concretas, Buber propôs o diálogo: a força do diálogo, conseqüentemente, a esperança e a fé no poder advindo das relações dialogais. Nesta forma de viver e de conviver, as pessoas assumem as responsabilidades por seus respectivos destinos, conseqüentemente, pelo destino da humanidade inteira.

Educadores e educandos podem e devem vivenciar o diálogo. Neste caso, é preciso evitar a manipulação, a alienação e a doutrinação. Em especial, por lembrar que a imposição é um instrumento que inviabiliza o diálogo, pois, neste procedimento, a pessoa que se impõe aliena a que recebe sua influência.

Ao emitir conselhos e orientações a quem assume a pedagogia do diálogo, Buber (2006) alega que o educador deve compreender o educando como totalidade e “[...] afirmá-lo nesta sua totalidade”, para tal fim, deverá encontrar-se com ele “[...] como seu parceiro [...]”, por sua vez, se o educando se dispuser a viver a relação Eu-Tu, deverá reconhecer e confirmar o educador enquanto pessoa, de tal forma que ambos mantenham relações educativas, isto é, viver a relação interpessoal, sem simbiose. É preciso viver “[...] no face-a-face, sem conduto deixar-se absorver.” (BUBER, 2006, p. 137-138).

Os educadores dos dias atuais podem, se assim desejarem, aprender com os princípios adotados por Buber, que, certamente lembram o método socrático: dialogar e apontar caminhos, não apenas transmitir um conteúdo a ser assimilado passivamente. Buber, segundo Von Zuben (2006), dizia não ter ensinamento a transmitir, sua vocação era pegar a mão das pessoas que o procuravam, levá-las à janela e mostrar-lhes o mundo. No mundo por elas contemplado, deveriam ouvir os apelos, responder aos questionamentos suscitados, vivenciar encontros intersubjetivos, enfim

experienciar a relação dialógica. Esta maneira de conceber o ensino, o fato de adotar a pedagogia do diálogo na tarefa de levar as pessoas a parirem o seu conhecimento, explicita a influência de Sócrates sobre Buber.

O método de ensinar via diálogo revela a profunda esperança e fé no homem, na sua capacidade de se encontrar com seus semelhantes e, assim, buscar respostas individuais e comunitárias para os desafios que afligiam a existência. A esse respeito, escreveu Von Zuben (2006, p. 46): “A profunda esperança e fé no homem presentes em sua obra e sua vida, incentivaram Buber a lançar, [...], um apelo que se concretizou como uma voz, [...], um legado a todos nós que estamos realmente preocupados com a sorte do homem.” E, ainda, segundo Von Zuben (2006), a ontologia da relação e a filosofia do diálogo foram aplicadas e geraram conseqüências diretas sobre a educação.

Considerações finais

O legado de Sócrates e de Buber permitem inferir que o diálogo é um excelente e eficaz instrumento pedagógico. Apesar de ser o objeto basilar do método socrático na Grécia Antiga, transcorridos, aproximadamente, 24 séculos, continua atual e pode ser utilizado por educadores/as de nossos dias. Especialmente em um cenário marcado pela indiferença, individualismo, intolerância e rejeição ao pensamento divergente.

A metodologia assumida por Sócrates, os valores por ele adotados na arte de ensinar, atravessaram os séculos e influenciaram, positivamente, os existencialistas teístas ligados ao judaísmo e ao cristianismo. Dentre o legado socrático, destacamos o diálogo e suas implicações práticas, como o respeito, a atenção aos interlocutores, o combate aos preconceitos, o engajamento, a busca de solução para os problemas concretos, etc.

A pedagogia do diálogo pressupõe a mútua valoração entre as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Em se considerando a teoria Buberiana, para que o diálogo seja efetivamente experienciado, faz-se necessária a interação entre as pessoas nele envolvidas. No caso dos ambientes educacionais, pressupõe o mútuo reconhecimento e a transparência nas relações entre educadores e educandos, e entre os respectivos pares. Estes espaços, marcados por relações interpessoais, se preferir inter-humanas, favorecerá o processo de ensino-aprendizado. Neles, os dialogantes poderão se revelar, expressarem o que de fato pensam, comprometendo-se com um projeto de educação que visa à autonomia e à emancipação dos educandos.

É salutar lembrar: Buber compreende que as relações verdadeiras só ocorrem nos diálogos, neles, as pessoas se revelam, doam-se, colocam-se face-a-face e, na mutualidade, recebem o ser que se revela. Nas relações, não se exclui o dialogante, não se ignoram as pessoas envolvidas. Se estes princípios não forem observados, não haverá relações humanas, mas apenas relacionamentos.

No caso do ambiente escolar, é preciso que os educadores incentivem os educandos a participarem ativamente do processo de ensinar-aprender. Quem se dispõe a educar utilizando a pedagogia do diálogo, deve lembrar que o método fundamentado em Sócrates e em Buber, pressupõe que cada aprendiz responda às questões que lhe são dirigidas até que consiga parir as próprias ideias. Neste cenário, o educador deve propor questões norteadoras, perguntas que favoreçam a autonomia e a emancipação dos educandos, enfim indicar caminhos que precisam ser percorridos por quem se dispõe a aprender.

Outro elemento fundamental para que o diálogo seja efetivado, quer na concepção de Sócrates, quer na de Buber, é a liberdade. A liberdade faz parte da condição humana. Entretanto, cada pessoa

precisa aprender a exercitar esta capacidade que lhe é inata, portanto, faz-se necessário educar para a efetiva vivência da liberdade. Neste sentido, a educação tem um papel de extrema relevância, quem educa precisa auxiliar os educandos no processo de autoconhecimento e no desenvolvimento de consciência crítica.

É preciso que os educandos e os educadores lembrem e/ou aprendam que o homem é situado no tempo e no espaço, mas, apesar de todo e qualquer condicionamento que possa enfrentar, é livre para acatar, reproduzir, modificar, ou propor caminhos novos. Não obstante possíveis e inevitáveis condicionamentos, sempre haverá espaço para escolher, para deliberar, enfim, para exercitar a arte de ser livre, e, assim, para conduzir o próprio destino.

A relação educativa fundamentada na relação Eu-Tu exige que se mantenha a bipolaridade educador-educando, se preferir, a parceria entre os dialogantes. O educando não é o educador e vice-versa, ambos devem aceitar o diálogo, o encontro, sem fusão de responsabilidades. O professor não deve anular ou objetivar o seu aluno. Este, por sua vez, não poderá ignorar ou objetivar o professor. Não poderá o educador dogmatizar, doutrinar o educando para que este seja a sua imagem e a sua semelhança. Já o educando não deve aceitar, ou desejar ser mera cópia de seu professor. A dinâmica da aceitação, vivência dialogal no encontro, deverá garantir a possibilidade de assimilação do conteúdo, mas não a mera memorização.

Enfim, vale lembrar que o processo de ensino-aprendizagem, pautado na pedagogia do diálogo, deve propiciar o desenvolvimento de pessoas que tenham a capacidade de refletir sobre os problemas que emanam da realidade na qual estiverem inseridas. Para atingir este fim, os educadores devem incentivar o engajamento dos educandos, cientes de que a liberdade só se concretiza em atos concretos. Neste processo, o diálogo é um

instrumento indispensável, a sua efetivação exige que os dialogantes desenvolvam a capacidade de falar e a de ouvir. Assim, as instituições de ensino devem criar espaços propícios ao diálogo, pois é um elemento desejado por educandos, por educadores e por gestores.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MOUNIER, Emmanuel. **Introdução aos existencialismos**. Tradução de João Benard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

MOUNIER, Emmanuel. **Introduction aux existentialismes**. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2010.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Sócrates, o Mestre da Grécia e do Mundo. In: **Apologia de Sócrates**. Coleção A obra prima de cada autor. São Paulo: Martins Claret, 1999.

OLIVEIRA, Manoel Messias. **A experiência da alteridade no pensamento de Gabriel Marcel**. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia-MG, Uberlândia, 2011.

OLIVEIRA, Manoel Messias. **Contribuições de Martin Buber, Gabriel Marcel e Emmanuel Mounier no**

processo de humanização do ambiente educacional no Ensino Médio da cidade de Uberlândia. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia-MG, Uberlândia, 2019.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Martins Claret, 1999. p. 39 – 80. Coleção A obra prima de cada autor.

PLATÃO. Banquete. In: **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Martins Claret, 1999. p. 87 – 174. Coleção A obra prima de cada autor.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto; Crátilo. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Belém: UFPA, 2001a.

PLATÃO. **Mênon**. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Loyola, 2001b.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução; Post-scriptum e notas. In: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Prefácio do tradutor. In: BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 2009.

XENOFONTE. Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates. In: **Sócrates**. Trad. De Mirtes Coscodai. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o existencialismo**. Porto Alegre: PUCRS: Academia, 1995.